Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO . . . . . 2$00
ASSINATURA ANUAL . . . . . .20$00

Ano I — Número 12 Dezembro de 1963

PAZ NA TERRA

No momento em que Jesus nasce em Belém, os anjos transmitem aos homens uma mensagem de paz e boa vontade: «Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens». E esta ideia de paz encontra-se tão intimamente associada com a pessoa e a missão de Jesus, que já Isaías, penetrando os séculos com a sua visão profética, se referia, nos seguintes termos, Àquele cujo nascimento o Cristianismo comemora neste mês: «Um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os Seus ombros; e o Seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai da eternidade, Príncipe da paz». (Isa. 9:6).

Ao lermos estas palavras, dir-se-ia que a partir de Jesus Cristo uma era de paz sobreviria ao conturbado mundo antigo: os homens deporiam as armas, estas transformar-se-iam em instrumentos de trabalho construtivo, o espectro da guerra constituiria apenas um pesadelo do passado.

Assim não sucedeu, porém. Depois da vinda de Jesus a esta Terra, os homens continuaram a hostilizar-se, a violência tornou-se por assim dizer a norma das relações internacionais e, se algum simulacro de paz haveria, seria — como hoje sucede — apenas baseado no equilíbrio de forças dos inimigos em presença. Sucederia precisamente o que Jesus havia anunciado em S. Mateus, cap. 24, vers. 6: «Ouvireis de guerras e rumores de guerras».

Ao verificarmos estas desoladoras condições teremos de chegar à conclusão pessimista de que a missão de Jesus fracassou? De modo nenhum!

E' certo que Jesus prometeu trazer a paz à Terra. Mas não se tratava de deposição de armas nem de transformações políticas, porque, como Ele mesmo disse, «o Meu reino não é deste Mundo». Ele prometeu-nos a paz, mas uma paz que o Mundo não pode compreender. São bem claras as Suas palavras: «Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou; não vo-la dou como o Mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize». (João 14:27).

Para nos ajudar a compreender bem o sentido da mensagem de Jesus, o apóstolo Paulo descreve a situação do homem irregenerado. «Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; não há ninguém que busque a Deus. Todos se extraviaram, e juntamente se fizeram inúteis. Não há quem faça o bem, não há nem um só. A sua garganta é um sepulcro aberto; com as suas línguas tratam enganosamente, peçonha de áspides está debaixo dos seus lábios; cuja boca está cheia de maldição e amargura. Os seus pés são ligeiros para derramar sangue. Em seus caminhos há destruição; e não conheceram o caminho da paz.»

A razão da falta de paz não se encontra tanto nas condições exteriores como nas profundezas do próprio coração humano. É aí que se violentam os ditames da consciência, é aí que velam recalcados os remorsos de iniquidades passadas, é aí que em angustia o homem se sente separado de Deus, é aí que desesperado prevê a perdição do seu destino.

Ele procura uma solução dentro de si próprio, mas não a encontra. Recorre aos sedativos da farmácia, às técnicas da psicologia e da psicanálise, a outros recursos de invenção humana, mas em vão. Na impressionante descrição de Isaias, «os ímpios são como o mar bravo, que se não pode aquietar, e cujas águas lançam de si lama e lodo. Os ímpios, diz o meu Deus, não têm paz.» (Isa. 57:20, 21).

Mas Deus não queria que assim fosse — que as Suas criaturas no presente levassem uma vida de desassossego e de derrota, e após a morte experimentassem a perdição. E foi assim que entre o Pai e o Seu Filho Unigénito, ainda antes da fundação do mundo e de se ter manifestado a própria iniquidade, foi estabelecido o plano da salvação. No dizer do profeta Zacarias, «Conselho de Paz houve entre Eles ambos». (Zaca. 6:13).

E como realização desse conselho de paz, «vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adopção de filhos.» (Gál. 4:4, 5).

Com razão foi, pois, que no momento em que o Salvador aparecia nesta terra a fim de pôr em execução esse conselho de paz, os anjos cantaram jubilosos: «Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens.»

Neste dia, como tão inspiradamente se exprimiu Luis de Camões,

> «Dos céus à terra desce a mor beleza,
> Une-Se à nossa carne, e a faz nobre;
> E, sendo a humanidade dantes pobre,
> Hoje subida fica à mor riqueza.»

Ao assumir a natureza humana, Jesus começou a Sua missão de Redentor. E cumpre-a fielmente como desamparada criança em Belém, como exemplar jovem em Nazaré, como incansável servidor no Seu ministério público, e, sobretudo, como abnegado substituto na Sua paixão e morte. Como profetizou Isaias (53:5): «Ele foi ferido pelas nossas transgressões e moido pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados.»

Como encontramos então a paz que nos veio trazer Jesus? Aceitando-o como nosso Substituto e entregando-Lhe inteiramente as nossas vidas. Assim fazendo, não necessitamos mais de viver angustiados com o espectro do nosso pecado e do nosso destino. Pela fé nos apropriamos da salvação que Ele nos trouxe. E, como escrevia S. Paulo aos Romanos (5:1), «sendo pois justificodos pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo.»

A partir desse momento, a obediência à vontade de Deus passa a constituir a ambição suprema do crente, e nessa obediência encontra ele uma pacífica estabilidade que imprime sentido à sua vida. «Ah, se tivesses dado ouvidos aos Meus mandamentos! Então seria a tua paz como o rio» — diz o Senhor através de Isaias (48:18). Ou, como se exprimia o Salmista: «Muita paz têm os que amam a Tua lei; para eles não há tropeço.» (Sal. 119:165).

Como planta trepadeira, outrora raquítica e rastejante, disfruta agora da plenitude de vida, porque encontrou o o tronco a que se agarrar, cuja seiva pode haurir e sob cujo amparo pode ascender mais e mais alto. Esse tronco é Deus. Aconselhava Job: «Une-te pois a Ele e tem paz, e assim te sobrevirá o bem. (Job 22:21).

Podem rugir lá fora as tempestades, podem apresentar-se sombrias as perpectivas do futuro dos povos, podem ameaçar-nos, hostis, as condições do meio em que vivemos, pode a própria saúde fracassar — suceda o que suceder, o crente tem o privilégio de poder manter-se em paz. Como exclamava Isaias: «Tu conservarás em paz aquele cuja mente está firme em Ti; porque ele confia em Ti». (Isa. 26:3).

Esta é a paz que o mundo não conhece, mas que Jesus veio oferecer aos homens.

Era a esta paz que se referiam os anjos, quando cantavam sobre as planícies de Belém: «Glória a Deus nas alturas, paz na terra, boa vontade para com os homens».

E. Ferreira

Carta individual aos membros da Escola Sabatina

por B. E. Seton

Secretário do Departamento da Escola Sabatina da Divisão Sul-Europeia

Prezado amigo

Como sem dúvida sabes, o excesso da oferta do décimo terceiro sábado que será recolhida em 28 de Dezembro deste ano, logo depois do Natal, destina-se à Divisão Sul-Africana. Já estás certamente ao corrente das necessidades desse vasto território, e ainda hás-de ouvir falar mais acerca delas. Todavia desejo hoje referir-me a elas contigo de uma maneira muito pessoal, a fim de obter para a Africa, neste trimestre, toda a ajuda que seja possível.

Tendo sido missionário durante 16 anos na Divisão Sul - Africana, tenho naturalmente um interesse permanente pelo trabalho que ali se realiza, e espero que as nossas Escolas Sabatinas levem aos numerosos países dessa Divisão um socorro proporcionado às suas grandes necessidades. Não há projecto mais digno de interesse, segundo creio, do que o de construir boas casas para os nossos fieis obreiros africanos, que merecem verdadeiramente que se faça em seu favor tudo o que seja possível.

Uma tão grande parte da nossa obra em Africa é devida aos próprios africanos! E ela dependerá ainda mais deles no futuro, à medida que entre os africanos se recrutem mais dirigentes. No passado, milhares dentre eles viveram no limite da pobreza, e todavia serviram ao Senhor sem se queixar. Mas com a melhoria do nível de vida que por toda a parte se vai observando, os nossos pastores e professores carecem de ter lares mais representativos e que condigam melhor com a sua alta vocação. Nossos donativos contribuirão para a realização desse projecto.

Gostaria de apoiar o que foi dito oficialmente acerca dos progressos da nossa obra na Africa do Sul, onde ela é dirigida com força e um belo espírito de aventura. Foram estabelecidos vastos planos. Avançar, tal é a divisa. Há alguns dias recebi uma carta anunciando-me que a partir deste trimestre 2.500 campanhas de evangelização estão em curso ou em projecto; noutros termos, prevêem-se 7 campanhas para cada um dos 365 dias do período de 1963-1964. Sem dúvida que isso representa um grande acréscimo aos nossos efectivos.

Mas o Islão ganha ràpidamente terreno em quase todos os sectores da Divisão. Na opinião de alguns, por cada convertido ao Cristianismo há dez convertidos ao Islamismo. Que triste situação! E que trabalho intenso será necessário para lutar contra ela!

A Divisão Sul-Africana compreende mais de 200.000 membros de igreja e mais de 390.000 da Escola Sabatina. Certamente estes números dão-nos alegria, mas restam ainda milhões de almas para atingir. Faze, pois, um esforço especial para despertar a *tua* igreja para a necessidade de auxiliar os obreiros africanos a fim de que por sua vez eles possam trabalhar em favor dos seus compatriotas.

Esforça-te o mais possível por chamar a atenção dos membros de igreja para este apelo. Fala da Africa. Ora pela Africa. Dá liberalmente para a Africa. A tua contribuição não será em vão.

Teu dedicado

B. E. Seton

Levantai os vossos olhos, e vede...

por Vitorino Chaves

Certa ocasião Jesus deixou a Judeia e regressou à Galileia. Ao passar por Samaria, entrou numa cidade de nome Sicar, onde havia um poço do tempo do Patriarca Jacob. Como desejasse repousar da fatigante jornada que vinha fazendo com os Seus discípulos, Jesus sentou-Se junto do poço, enquanto os discípulos foram à cidade comprar alimento.

Foi então, como está descrito em João 4:7-30, que se aproximou do lugar onde Jesus estava, uma mulher que vinha tirar água do poço, com a qual Ele manteve o diálogo que se encontra nos versos indicados, até que os discípulos regressaram.

Ao irem buscar comida os discípulos, fizeram tudo quanto puderam para ajudarem o seu querido Mestre. Todavia, o maior repouso e prazer para Ele, foi a boa maneira como a mulher Samaritana acabava de reagir às Suas palavras. Isso foi para a Sua alma maior benefício do que seria o alimento do corpo.

As coisas materiais para Jesus eram de somenos importância, e outro tanto deve acontecer com o verdadeiro cooperador de Cristo. Falando de cooperadores de Cristo, cabe aqui perguntar: Quem são os cooperadores de Cristo?

S. Paulo em I Cor. 3:9, diz: «porque nós somos cooperadores de Deus...» O apóstolo referia-se a Apolo e a ele mesmo, sendo eles mesmos ministros da Palavra. A eles o povo ouvia e neles acreditava. Ambos tinham trabalhado conforme o que o Senhor a cada um deles tinha permitido e ordenado que fizessem (Vers. 5-6).

Portanto cooperadores de Cristo, são todos os que ministram a Palavra conforme o que o Senhor permite que cada um faça, isto é: na medida das capacidades de cada um. «Uns plantam e outros regam, para Deus dar o crescimento».

Se sinceramente estamos consagrados à Obra de Deus, somos cooperadores Seus. A nossa dedicação a esta Causa, à causa do Evangelho, pode ser medida pelo valor relativo que damos às coisas materiais e às espirituais. Para Cristo as coisas de espírito tinham todo o valor. Por isso, o Seu único propósito era fazer o trabalho de Seu Pai. E, porque deveríamos seguir o Seu exemplo, Ele nos diz:

«Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará...» (S. João 6:27).

Jesus não tinha apetite para coisa alguma senão o pão que conduz à vida eterna. Mas, nós, por vezes desejamos antes viver para a comida que perece, e, pior ainda, damos disso mau exemplo ao povo a quem o Senhor nos enviou para o ensinar a seguir o exemplo de Cristo.

A única comida de Cristo era fazer a vontade de Seu Pai. Essa vontade era a Obra da Salvação das almas que viviam nas trevas. Imaginemo-nos vivendo nos dias de Jesus. Nós somos aqueles discípulos que O encontraram sentado junto ao poço de Jacob. Ele dirige-Se-nos e diz: «Levantai os vossos olhos, e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa». (S. João 4:35).

Os discípulos olhando podiam ver os camponeses vindo através dos campos, onde as searas amadureciam, ao encontro do Mestre. Nós, olhando ao derredor, ao perto e ao longe, o que vemos?

O que vemos? Irmãos, digam-me...

Eu posso ver dezenas, centenas e até milhares de almas, perto e longe, que estão ansiosas de que as ensinem no caminho do bem, da justiça e do amor a Deus!

Não somos nós os primeiros que por estas terras estamos passando. Antes de nós, outros igualmente incumbidos de apresentar a Palavra por aqui passaram. As Boas Novas já por aqui soaram noutras eras.

«Porque nisto é verdadeiro o ditado, que um é o que semeia, e outro o que ceifa.»

«Eu vos enviei a ceifar onde vós não trabalhastes, outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho» (S. João 4:37-38). Pioneiros vieram à nossa frente, desbravaram as terras, as lavraram, cavaram, e as adubaram.

Sim, terras foram desvendadas e povos foram descobertos. Caminhos foram conhecidos. O caminho ficou traçado para o coração dos que deveriam ouvir a Divina Mensagem. São estes aqueles que, desde há anos e anos, aguardam de nós a preciosa semente.

Sim, queridos colaboradores, a Preciosa Semente da Verdade, que Nosso Senhor nos entregou para semear nos corações destes povos, só chegará aos corações dos Quiocos, dos Luenas, dos Luchazes, dos Bundas e outros, se tivermos o mesmo espírito de sacrifício do Nosso Mestre.

Temos sido, pelo Senhor, providos de todos os recursos espirituais e materiais. Durante dezenas e dezenas de anos, muitas portas se têm mantido abertas de par em par nestas terras, aguardando a nossa chegada para que por elas entremos. Vamos perder esta oportunidade e permitir que outros façam aquilo que por nós deveria ser feito?

Grande tem sido o nosso privilégio, mas também grande tem sido o nosso descuido.

Como estamos trabalhando?

A terra está pronta, por que não vamos lançar a semente?

Irá a semente apodrecer, e nós nos deixaremos apodrecer juntamente com ela?

«E digo isto: Que o que semeia pouco, pouco também ceifará» (II Cor. 9:6).

Mui tremenda é, prezados Irmãos, a nossa responsablidade como obreiros nesta Causa.

O Senhor nos admoesta pela boca do Seu profeta:

«Porque, assim como desce a chuva e a neve dos céus, e para lá não torna, mas rega a terra, e a faz produzir, e brotar, e dar semente ao semeador e pão ao que come.

«Assim será a palavra que sair da minha boca: ela não voltará para Mim vazia, antes fará o que Me apraz, e prosperará naquilo para que a enviei.» (Is. 55:10-11).

Se não tizermos a obra para a qual fomos enviados, outros serão colocados no nosso lugar. Na parábola dos Talentos, o servo mau e negligente, escondera o seu Talento na terra, deixando-o assim improdutivo. Mas, para sua vergonha, foi-lhe retirado o Talento para ser entregue ao que maior rendimento alcançara para o seu Senhor, ouvindo, então, a declaração:

«A qualquer que tiver será dado, e terá em abundância, mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado.» (S.Mat. 25:29). Porém, o castigo do mau servo não ficou por aqui. Jesus acrescentou:

«Lançai pois o servo inutil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes». (vers. 30).

Servo inútil. Sabemos o que isto significa? Quem deseja tal nome?

Não será muitíssimo mais desejável o oposto? Ninguém o duvida!

Residia Jesus em Nazaré, com Sua mãe e com José, quando completou os trinta anos. Nesta idade começou, então, o Seu ministério, viajando de lugar em lugar e de aldeia em aldeia. Não possuia morada permanente nem tão pouco a Sua acção era limitada a um único lugar. Certa vez, Ele fez a seguinte declaração:

«As raposas têm covís, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça». (S. Mat. 8:20).

Não tinha fixado a Sua existência a um único lugar, por este Lhe ser mais preferido do que a qualquer outro, por um ou outro motivo. Ao chegar a hora marcada por Seu Pai, Ele começou a palmilhar estradas poeirentas e pedregosas, sem desfalecimento, pois urgia cumprir a vontade de Aquele que O enviara Fazia viagens, como da Judeia para a Galileia, para atender às necessidades de muitas almas que ainda não tinham ouvido da Vida Eterna.

Quando alcançou a cidade de Sicar e Se sentou junto ao poço, Ele Se sentia muito fatigado e com sêde. Depois da conversa com a Samaritana, e cumprida com ela a Sua missão, prosseguiu adiante no Seu caminho, sem desistência do Seu intento. Nunca Ele entendeu que deveria instalar-Se num lugar aprazível e ali ficar para sempre. Não pensava na própria comodidade, entrava em todas as aldeias e a todos confortava com a Sua presença. A toda a parte Jesus levava um raio de esperança e a carícia do Seu meigo olhar.

Jesus convidava homens que O seguissem, para que se fizessem pescadores de homens.

Ao percorrer Ele toda a Galileia, andando perto do mar viu os dois irmãos Simão Pedro e André, os quais ao ouvirem o convite de Jesus, abandonaram suas redes e O seguiram sem hesitações. A seguir, chamou a outros dois irmãos, Tiago e João, que igualmente abandonaram o seu trabalho que estavam fazendo e seguiram após Ele.

Quando Se dirigia a Jerusalém, alguns O seguiam, desejosos de acompanharem o Mestre para onde quer que Ele fosse. Outros, porém, ao serem convidados desculpavam-se de vários modos, pois não desejavam abandonar os seus lares, as suas famílias, as suas terras e campos ou as suas aldeias onde se haviam habituado a viver.

Um dos tais desculpou-se que, primeiramente, precisava de enterrar o seu pai. Outro que, queria ir primeiro despedir-se de sua família. A estes o Salvador declarou:

«Ninguém, que lança mão do arado e olha para trás, é apto para o reino de Deus». (S. Luc. 9:62).

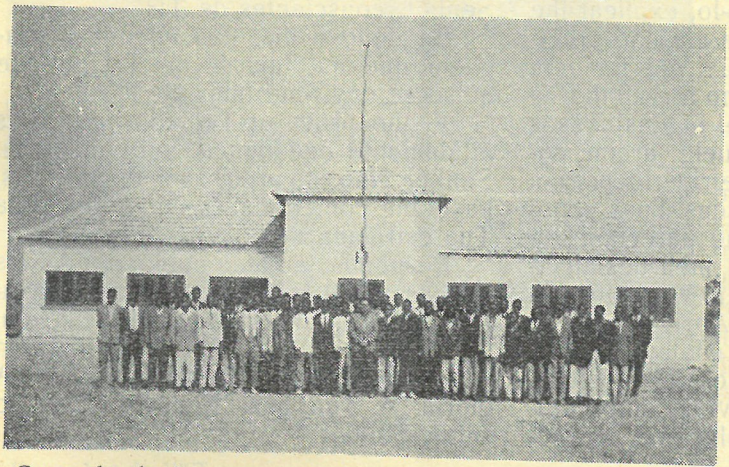
Sobre este assunto que exemplos nos deixaram os apóstolos?

Observemos a vida de Paulo:

Saulo de Tarso, depois de convertido chamado Paulo, foi duma actividade constante. Viajou por terras distantes, sofrendo perigos de viagens, toda a série de perseguições e maus tratos, insultos dos da sua própria nação, tido por herege foi apedrejado e escarnecido, foi feito prisioneiro e encarcerado em terríveis prisões, sofreu naufrágios, foi julgado e injustamente condenado e por fim decapitado. Todavia, através do Livro de Actos e das suas magníficas Epístolas, podemos admirar um S. Paulo gigante da fé, inabalável e destemido, sempre lutando pelo Evangelho e pela Verdade d'Aquele que O vencera na estrada de Damasco.

Não vemos em Paulo

Continua na pág. 15



Grupo de obreiros que participaram na Convenção do Gungue

COMUNHÃO

por Maria Manuela Câmara

Bendito Senhor!

Que cansaço, que fadiga imensa... O torvelinho da vida, ocupações, deveres e, para além de tudo isto, nítidos e perfeitamente reais, o teu AMOR por mim, e a minha necessidade de Ti. Como o «filho pródigo», acolho-me ao Teu seio ciente de que me esperas e me restaurarás.

Deixa-me estar assim, a Teus pés derramando a minha alma sedenta de Ti... A noite desceu e, sob o Teu manto de estrelas, as crianças dormem... Sabes que gosto das horas mortas, sinto-me assim mais perto de Ti, neste envolvente silêncio e porque do Mundo adormecido posso melhor elevar para Ti o murmúrio da minha alma cansada.

Esta tarde, por exemplo, contemplei uma vez mais a humanidade. Pessoas... ou destroços? Só Tu o sabes, Senhor. Mas uma coisa eu sei: que os homens sofrem, perfeitamente inconscientes de Ti... Eu queria explicar àquela mulher, que Tu existes e estavas também à espera dela... Mas ela disse-me que não tinha tempo, as suas ocupações esperavam-na. E depois, quando vi aquele homem com muletas, Senhor, como sofri por Ti! Desejei chamá-lo, explicar-lhe que há um Reino, onde ele não precisaria das suas muletas... Mas também ele, Senhor, se sumiu no torvelinho da multidão apressada. Dei alguns passos às cegas, achei-me naquele jardim, como que em busca de refrigério para a minha alma, à sombra das Tuas generosas árvores. Todos me pareciam suicidas. Para aumentar o meu desfalecimento, apunhalou-me a voz daquele ancião que Te negava. Abrigava-se sob a resplandecente acácia e falava com um companheiro, em termos metafísicos. Ouvi-o pronunciar palavras como «átomo», «princípio», «evolução», «atracção», «desintegração», «renascimento da matéria». A Tua brisa acariciava-lhe o rosto, o Teu sol aquecia-lhe os pés, as Tuas flores perfumavam-lhe a existencia... Todavia, exibia a sua metafísica para Te negar! Perdoa, Senhor, mas não pude conter-me por mais tempo! Tive de interrompê-lo, tive de dizer-lhe que havia um Princípio e um Fim, que havia o Alfa e o Ómega — que havia um Criador a chamá-los! Escutaram-me perplexos — olharam-me como se olham os loucos. Saí dali. Sentia-me lúcida, perfeitamente lúcida. À minha volta, pessoas ou sòmente vultos seguiam em diferentes direcções. Na minha mente, como gotas cristalinas de rumorejante fonte, desfilavam Palavras Tuas, sôltas, consoladoramente Tuas... «No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus... e sem Ele nada do que foi feito se fez... n'Ele estava a vida... e a vida era a luz... e as trevas não a compreenderam.... Vinde a Mim, todos os que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei».

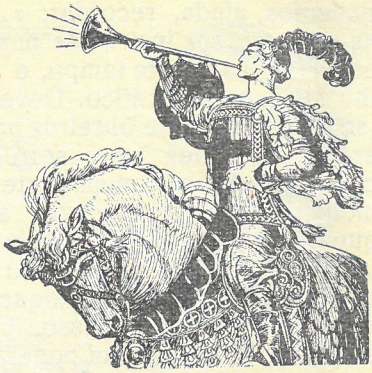
Olhei os vultos — quem teria ouvido o Teu convite? Todos caminhando apressados. Muitos com a alma vazia. Alguns murmurando o Teu nome. Outros esquecidos de Ti. Mas quantos, Senhor, conscientes de Ti?

Em todo o dia, não encontrei ninguém que me falasse de Ti, ou que quisesse ouvir-me falar de Ti.

Venho procurar-Te, cansada. Mais nitidamente que nunca, aqui me tens, Senhor. Não são precisas mais palavras, basta-me contemplar-Te no silêncio da Tua estrelada noite...

Respondes ao meu apelo, pondo nas minhas mãos trémulas a Tua Palavra. Folheio-a. Interesso-me. Só Tu e eu, agora. Para além do Mundo, para além de mim mesma, a Eternidade. Tu. A glória. A Tua paz. Renasço. Bendito sejas, Senhor.

Página da Juventude



As Classes Progressivas

por A. Casaca

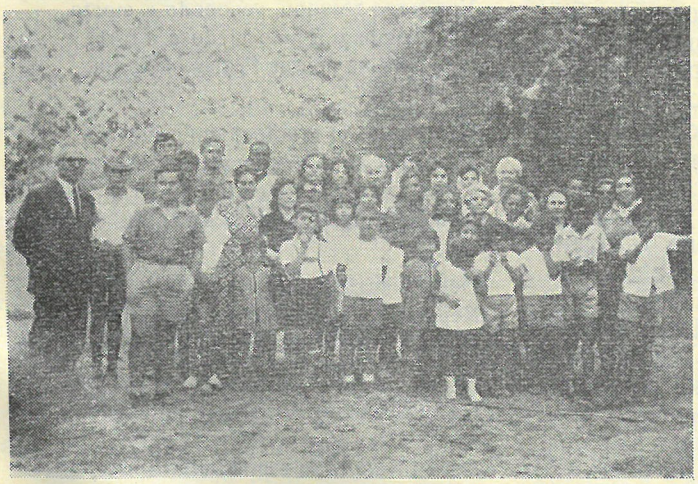
Nunca como nos nossos tempos se dispensou tanta atenção às crianças que se podem considerar como «as meninas dos nossos olhos».

Por aquilo que sabemos através do Espírito de Profecia, não há duvida de que devem elas merecer, da nossa parte, as mais escolhidas preocupações.

«As crianças devem ser educadas para serem missionárias; devem ser auxiliadas para compreenderem, distintamente, o que devem fazer para se salvarem.» — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág 150.

E não ficámos sem saber em que consistirá a melhor preparacão para que se possam cumprir os desígnios de Deus. E' ainda o Espírito do Profecia que nos esclarece: «A melhor preparação é o desenvolvimento harmónico das faculdades fisicas, intelectuais e espirituais. Prepara o estudante para o gozo do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um serviço mais dilatado no mundo que estamos aguardando.» — *Educação,* pág. 13.

As primeiras manifestações a favor da preparação dos jovens manifestaram-se logo aos nossos pioneiros; receberam estes um chamado especial para organizarem todos os jovens num exército que ajudasse a concluir a tarefa de levar «a Mensagem do Advento a todo o Mundo, nesta geração».



Grupo de Jovens da Igreja de Moçamedes

Passado pouco tempo, seguiu-se outra mensagem que dizia que «cada jovem, cada criança, tem uma obra a fazer para honra de Deus e erguimento da humanidade».—*Educação,* pág. 57.

Pouco a pouco com a organização dos jovens surgiu a ideia da constituição das Classes Progressivas, conforme se encontravam esboçadas, prefiguradas em vários passos do Espírito de Profecia. Além dos passos já citados,

podemos, ainda, recordar: «... Devem as crianças ser instruídas nas verdades especiais para este tempo, e no trabalho missionário prático. Devem alistar-se no exército de obreiros para auxiliarem os doentes e os sofredores. As crianças podem tomar parte na obra médico-missionária, e com a sua pequenina contribuição podem ajudar a levá-la avante. O seu auxílio pode ser pequeno, mas todo e qualquer bocadinho é um auxílio; por isso, pelos seus esforços, muitas almas poderão ser ganhas para a verdade. Por meio dos jovens a Mensagem de Deus tornar-se-á conhecida, e a Sua Salvadora saúde será levada a todas as nações». — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes,* pág. 158.

A grande norma da educação consiste em saber aproveitar as inclinações e tendências dos jovens ministrando-lhes os conhecimentos de que necessitam. Tal é o programa das Classes Progressivas. Tendo-se estudado à luz da Palavra de Deus e do Espírito de Profecia a psicologia da criança, os nossos Irmãos dirigentes que ocupam os mais elevados cargos na Igreja de Deus, souberam colher naquelas preciosas fontes, os pontos básicos e indispensáveis que constituem o Programa das Classes Progressivas.

«Em regra, o exercício mais proveitoso aos jovens encontra-se nas ocupações úteis. A criancinha encontra no brinquedo tanto a distracção como o desenvolvimento; por isso os seus folguedos devem ser de tal maneira que promovam não só o crescimento físico, mas também o mental e o espiritual. À medida que vai adquirindo força e inteligência, também encontrará o melhor recreio para ela nos esforços que lhe sejam úteis. Aquilo que adestra as mãos para utilidade, e ensina o jovem a arrostar com a sua participação nos encargos da vida, é o mais eficaz na promoção do crescimento do espírito e do carácter... E' essencial a todo o jovem familiarizar-se completamente com os deveres de cada dia. Sendo necessário, uma jovem pode dispensar os conhecimentos de francês ou de álgebra, ou mesmo de piano; mas é indispensável que aprenda a fazer bom pão, a confeccionar vestidos graciosamente adaptados, e executar proficientemente, os muitos deveres atinentes ao lar...» — *Educação,* pág, 215.

Prezados Irmãos e Irmãs! Temos o sagrado dever de acarinhar os nossos jovens estimulando-os a fazer parte dos MV, pois é o meio especialmente preparado para eles, até que possam, mais tarde, entrar nas actividades da Igreja.

Também uma palavra de camaradagem amiga para os nossos dilectos Irmãos Obreiros.

Também a Igreja conta com a juventude, com a sua juventude. Nestes tão agitados e calamitosos tempos incumbe-nos, mais que nunca, vigiar os mais novinhos para que não venham a ser enredados nas malhas do mundo que se estendem, contínua e universalmente, em redor deles.

Se tivermos boas Classes Progressivas, também amanhã teremos bons colaboradores, em todos os domínios das actividades da Igreja.

Que Deus abençoe os nossos jovens e nos conceda a nós o privilégio de compreendermos e apreciarmos, como Deus quer, o valor das Classes Progressivas.

Igreja e Hospital

Na cela do pecado, imunda e fria,
Voz terna ressoou, vencendo a morte,
E tu seguiste a mão piedosa e forte
Que sara as nossas f'ridas cada dia.

Hoje, na mais graciosa enfermaria,
Tua alma há-de alcançar saudável porte,
Mas deixa a presunção, e a eterna sorte
Dos enfermos ao médico confia.

Deixa o luzido e frio bisturi;
Reparte o amor e lembra-te de ti
Que o vírus do pecado é todo igual.

E alegra-te se a Voz Omnipotente
Conduz, da cela imunda, algum doente
Ao mais sagrado e místico hospital.

Correia Leite

Histórias Africanas

Os dois irmãos

O que vamos ler passou-se há já muitos anos, nos tempos dos avós dos nossos avós.

Numa casa havia dois rapazes, filhos do mesmo pai. Quando um tinha cerca de seis anos, o mais novo foi vendido como escravo.

Passou-se muito tempo. O irmão mais velho era agora um homem. O pai tinha morrido, deixando-lhe em herança todos os seus bens. Ele tornou-se um chefe poderoso, rico e respeitado por todos.

Naqueles dias ainda não havia aviões, comboios nem automóveis. As grandes viagens eram feitas a pé ou de barco.

A aldeia deste chefe ficava perto de um grande rio. Assim, ele mandou fazer um espaçoso barco e, um dia, ajudado por numerosos remadores, empreendeu uma longa jornada.

Depois de vários dias de viagem, chegou a uma aldeia. Cumprimentou o chefe e, no meio da conversa, veio a fazer uma importante descoberta: ali vivia o seu irmão mais novo.

Quando se encontraram, abraçaram-se calorosamente, e começou cada um a contar as peripéciais da sua vida passada.

Então disse o visitante ao seu irmão mais novo: «Meu irmão, temos o mesmo sangue a correr nas nossas veias, somos filhos de mesma mãe. Mas eu sou livre e tu és escravo. Não quero que assim seja. Vou pagar o preço do teu resgate e tu vais ficar livre.»

«Muito obrigado pela tua boa intenção», respondeu o irmão mais novo. «E' verdade que sou escravo; mas o meu chefe é muito bom para mim: deu-me três mulheres, dá-me tudo quanto posso desejar. Sinto-me bem como estou. Não quero ficar livre.»

Seu irmão ficou muito triste com esta resposta, mas não pôde fazer mais nada. Passados dias, despediram-se.

Decorreram vários meses, e chegou à aldeia do irmão mais velho uma notícia muito má. O chefe do seu irmão tinha morrido. Como era costume naqueles tempos, quando um chefe morria não ia sózinho para a sepultura. E assim sucedeu neste caso.

Das aldeias vizinhas, e até de longe, vieram parentes e conhecidos para assistir ao óbito. Quando chegou a altura do funeral, foi aberta uma grande cova, com quatro metros de comprimento, três de largura e dois e meio de profundidade. Os feiticeiros fizeram as suas cerimónias e cantaram os seus monótonos cânticos.

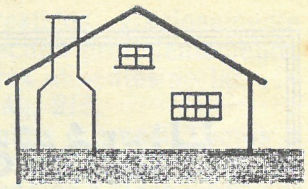
Antes de ser descido o caixão do chefe, foram tomados os seus sete escravos e foram colocados, vivos, no fundo da cova. Sobre eles foi depositado o caixão. A cova foi cheia de terra. Sobre ela foi erguido um monte de pedras soltas.

Entre os escravos sepultados vivos encontrava-se aquele irmão mais novo que não quis aceitar a liberdade que lhe fora oferecida.

Cada um de nós tem um irmão mais velho, que é o Senhor Jesus Cristo. Ele é livre e cada um de nós, sem Ele, é escravo de Satanás. Jesus veio à terra e diz a cada pessoa: «Vim para te resgatar; não quero que continues escravo».

Continua na pág. 15

Página do Lar Angolano



Trabalho e Cooperação

por Ernesto Ferreira

A Bíblia Sagrada encerra preciosas advertências acerca dos inconvenientes da preguiça.

Entre outros textos que podiam ser citados, lemos que a indolência do preguiçoso «o mata, porque as suas mãos recusam-se a trabalhar» (Prov. 21:25); ele «mendigará na sega e nada receberá» (Prov. 20:4); «pela (sua) muita preguiça se enfraquece o teto, e pela frouxidão das mãos goteja a casa» (Eccles. 10:18); «coisa nenhuma alcança» (Prov. 13:4); como remate final, «sobrevirá a tua pobreza como um ladrão e a tua necessidade como um homem armado» (Prov. 6:11; 21:34).

E' certo que nalguns casos a preguiça pode ter uma explicação natural: pode ser devida ao clima; à facilidade com que se obtém o que é necessário para a manutenção de uma vida primitiva; à falta de energias devida a alimentação deficiente; a doenças contraídas sem culpa ou derivadas de maus hábitos.

Qualquer que seja a causa da preguiça, é necessário lutar contra ela. Diz o Sábio: «Vai ter com a formiga, ó preguiçoso, olha para os seus caminhos e sê sábio». (Prov. 6:6).

Diligência

Se a Palavra de Deus condena tão claramente a preguiça, não é menos clara no elogio que faz da diligência.

Leiamos alguns textos: «O bem precioso do homem é ser diligente» (Prov. 12:27); «a fazenda que procede da vaidade deminuirá, mas quem a ajunta pelo trabalho terá aumento» (Prov. 13:11); «a alma dos diligentes engorda» (Prov. 13:4). «Viste a um homem diligente na sua obra? Perante reis será posto; não será posto perante os de baixa sorte». (Prov. 22:29).

Sendo assim, quem não desejará ser diligente? E que deverá fazer a pessoa que o deseja ser?

Em primeiro lugar, procure estar sempre ocupado em qualquer actividade útil. O tempo é demasiado precioso para poder ser desperdiçado sem utilidade.

Além disso, procure fazer as coisas com presteza. O que a alguns leva muito tempo, conseguem outros fazer ràpidamente. Para isso, convém calcular prèviamente quanto tempo será necessário para realizar determinado trabalho e, depois de feitos os cálculos, empregar todo o esforço para completar esse trabalho no tempo marcado.

Finalmente, procure fazer as coisas com método. Algumas pessoas estão sempre ocupadas e pouco realizam precisamente porque lhes falta esta importante qualidade. Há trabalhos que precisam de ser feitos cada dia, tais como cuidar das crianças, preparar as refeições, limpar a casa; outros há que devem ser feitos cada semana, como lavar a roupa, passar a ferro, pisar a fuba; há alguns que só se podem fazer em certa época do ano, como preparar o terreno, semear, colher; e finalmente outros, quando houver alguma folga, como fazer melhoramentos na casa, confeccionar vestuário. De qualquer maneira, se houver método cada trabalho será feito na altura própria.

Trabalho agrícola

Muitas pessoas que até aqui têm

vivido nas aldeias foram tentadas a procurar trabalho nas cidades. Na maior parte dos casos, porém, fizeram-no com prejuizo para si próprios. Com efeito, em geral tiveram que se separar da família, ficando sujeitos a fortes tentações para infidelidade matrimonial. O ambiente em que passam a viver não os auxilia na vida cristã. As conversas que ouvem, os costumes que observam, os divertimentos que se lhes oferecem, tendem a afastar os seus pensamentos dos assuntos puros e levam-nos a criar hábitos viciosos. Se os seus ideais de ganhar mais dinheiro se realizam, o que nem sempre sucede, também é verdade que na cidade a vida é mais dispendiosa, e em geral tudo quanto se ganha rapidamente se gasta. Passado algum tempo, muitos que trocaram a aldeia pela cidade não têm fé nem dinheiro e, para cúmulo, adquiriram vícios que lhes trarão a ruína.

Até certo ponto o mesmo poderia ser dito acerca de longas ausências para cumprimento de contratos. Estes não deviam ser assinados sem que as condições salvaguardem uma normal vida religiosa e famliiar.

Em vista dos inconvenientes apontados, é preferível continuar a viver na aldeia — junto da sua igreja, do seu lar e dos seus conhecidos.

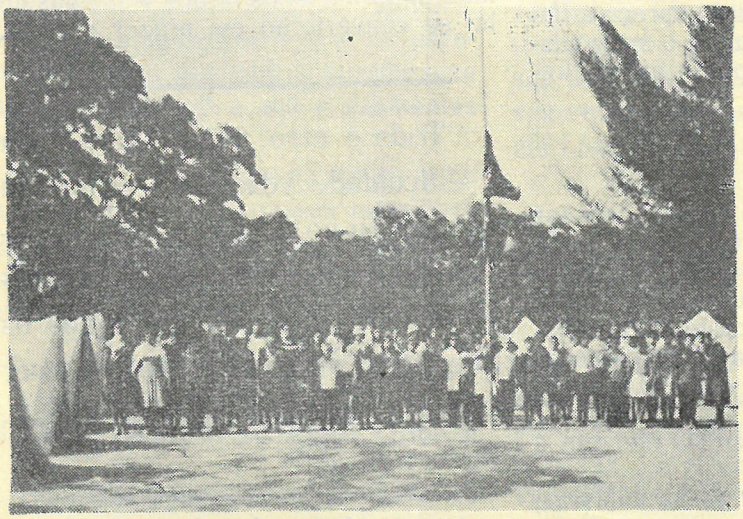
Pensam alguns que o trabalho agrícola não é compensador. Não é isso, porém, o que lemos na Palavra de Deus. Pelo contrário, vemos ali que «o proveito da terra é para todos; até o rei se serve do campo». (Eccles. 5:9). E o Sábio diz ainda: «Abundância de mantimento há na lavoura do pobre; mas alguns há que se consomem por falta de juizo». (Prov. 13:23).

O preconceito contra o trabalho agrícola tem a sua origem nos métodos atrasados e rotineiros usados por muitos. O que se torna necessário não é abandonar a agricultura; é, sim, aperfeiçoar os métodos de cultura agrícola.

Pessoas há que só cultivam milho, ou mandioca, ou massambala, nada mais semeando nem plantando. Na realidade, podem fazer-se variadas culturas que não só ajudarão a prover uma dieta mais equilibrada para a família, mas podem até transformar-se em valiosa fonte de receita. Muitos agricultores das aldeias consegem fazer importante negócio com a venda de amendoim, de feijão, de batata, de cebolas, e até de hortaliças.

E' verdade que os terrenos se cansam. Mas também é verdade que muito se pode fazer para evitar esse cansaço. Há maneiras, por exemplo, de impedir os efeitos erosivos das chuvas, que tanto empobrecem os terrenos. Há também possibilidade de conservar a fertilidade do solo por meio de rotação de culturas e de descanso periódico, de acordo com as práticas usadas já nos tempos do Antigo Testamento. Há ainda o recurso ao estrume e aos adubos, para correcção dos terrenos. Mas não nos detemos nestes pormenores, porque há publicações que deles tratam desenvolvidamente.

A este propósito, vale a pena mencionar ainda a criação de aves e gado, quer como fornecedores de estrume, quer como auxiliares do trabalho, quer como fontes de receita monetária.



Içando a bandeira no Acampamento dos M. V. realizado em S. Amaro.
(Ver Boletim Adventista de Setembro)

Cooperação

Quando um lar é bem constituido, o trabalho não pesa apenas sobre uma pessoa, que tanto pode ser o marido como a esposa. Pelo contrário, há cooperação estreita entre todos os membros da família.

Em quantas casas a sobrecarregada esposa e mãe é tratada como uma escrava do trabalho! Cumpre ao marido colaborar com ela e com ela combinar os planos que dizem respeito ao lar.

Por outro lado, é necessário inspirar aos filhos o gosto da cooperação. Isso não é difícil, porque as crianças são seres sociais e têm gosto de trabalhar com os mais crescidos se estes tiverem paciência para os ensinar.

Às vezes seria mais fácil fazer o trabalho sem a ajuda dos filhos. Mas, mesmo assim, convém não prescindir dessa ajuda, a fim de que possa desenvolver-se o hábito da colaboração.

Os irmãos mais pequenos podem ajudar os mais velhos a buscar lenha ou água e a guardar os animais.

Os rapazes gostam mais de ajudar os pais, usando ferramentas, do que de brincar. As meninas podem ajudar as mães a fazer a cama, a limpar e arrumar a louça, a preparar a comida, a cuidar dos irmãos mais novos.

De vez em quando, convém que sejam proferidas palavras de apreço a fim de, como óleo, lubrificarem o maquinismo familiar, para que possa assim funcionar sem asperezas.

Uma história africana

Conta-se que certo dia um caçador abateu um grande elefante. Desejando levá-lo para a aldeia, pediu o auxílio dos seus habitantes que de boamente se prontificaram a ajudá-lo. Depois de amarradas cordas ao animal, começaram todos a puxar e, enquanto puxavam, iam cantando:

— O elefante é nosso! O elefante é nosso!

O caçador, ao ouvir essas palavras, disse-lhes:

— O elefante não é vosso; o elefante é meu!

Responderam eles:

— Se o elefante é teu, leva-o sòzinho.

E fizeram menção de voltar para a aldeia.

Mas o caçador precisava deles e pediu-lhes mais uma vez que o ajudassem, Eles acederam e, enquanto puxavam, iam cantando como da primeira vez:

— O elefante é nosso! O elefante é nosso!

Ao mesmo tempo, o caçador ia igualmente puxando e cantando:

— O elefante é meu! O elefante é meu!

Desta vez foram os aldeãos que o interromperam e disseram, como anteriormente:

— Se o elefante é teu, leva-o sòzinho.

Como não havia outra solução o caçador pediu-lhes, pela última vez, que o ajudassem.

Agora, porém, enquanto os aldeãos cantavam as habituais pelavras, o caçador com eles cantava em uníssono:

— O elefante é nosso! O elefante é nosso!

E foi assim que todos colaboraram e conseguiram levar o pesado animal para a aldeia.

O mesmo sucede em nossas casas. Enquanto não houver colaboração, o trabalho não pode prosperar. Mas, colaborando todos, os fardos e fadigas do lar se converterão em prazer e êxito.

Todo o erro, toda a falta, toda a dificuldade vencidos, se tornam um degrau no acesso a coisas melhores e mais elevadas. E' mediante tais experiências que todos os que tornaram a vida digna de ser vivida conseguiram o êxito. — *Educação*, pág. 296.

Visado pela Censura

A Mensagem Adventista no Mundo

Evangelismo na América do Sul

Quão encorajador é ler os relatos da América do Sul que indicam ter chegado a hora de colher uma rica messe da semente do Evangelho semeada tão abundantemente durante os passados anos, muitas vezes sob circunstâncias desanimadoras. Nossos evangelistas tiveram de enfrentar um espesso muro de preconceitos e indiferença ao realizarem reuniões públicas. Era difícil ganhar e manter a atenção do povo.

Mas, hoje, nossos evangelistas têm grandes e atentos auditórios. O evangelista Artur Schmidt tem realizado na cidade de Arequipa, Perú, uma série de reuniões num teatro com capacidade para mais de mil pessoas. O interesse aumentou até ao ponto de se tornar necessário fazer duas reuniões cada noite.

Durante muitos anos Montevideu, capital do Uruguai, era considerada inexpugnável. Não obstante, o evangelista Salim Japas e seus colaboradores encontraram um salão num dos teatros da cidade e começaram a realizar reuniões. Maravilhosamente o interesse se desenvolveu a ponto de terem cada noite uma assistência de mil a mil e quinhentas pessoas.

Outros evangelistas na América do Sul referem-se a interesses semelhantes. Os irmãos esperam confiadamente ter uma grande colheita de almas como resultado desta estação evangelística.

N. W. Dunn

Educação Sanitária na África Oriental

Há cinco anos, a Universidade de Loma Linda enviou um grupo de médicos à África Oriental para explorarem um local para o desenvolvimento de um tipo especial de programa médico missionário. O objectivo deste projecto era estudar como poderia ser dada interpretação prática no campo missionário ao aspecto da saúde pública.

O Hospital Heri, no Tanganica, foi escolhido como base das suas operações. Foi estabelecida uma escola de educação sanitária, e obreiros africanos para ali foram levados para um ano de cursos intensivos de higiene, nutrição e princípios gerais de saúde. Duas classes completaram este trabalho e voltaram para as suas escolas e igrejas. Os relatórios vindos das comunidades para as quais foram estes obreiros assim treinados são tão favoráveis que há urgente pedido para que este projecto seja continuado para benefício da nossa obra nas áreas tropicais da Divisão Sul-Africana.

Estão igualmente sendo feitos planos para o desenvolvimento de um programa semelhante nos planaltos da Nova Guiné. Têm vindo perguntas de outros campos quanto á possibilidade da sua participação em tal plano. Mais uma vez vemos como a Universidade de Loma Linda serve o campo mundial.

T. R. Flaiz.

Dez Milhões de Leprosos

Numa recente conferência das Missões Americanas para Leprosos, realizada no Hospital do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos de Carville, Luisiana, foi relatado que há cerca de 10 milhões de leprosos no mundo. Foi assinalado que a doença se encontra

em todas as partes do Mundo, com maiores concentrações em África, Asia, Mares do Sul, America Central e América do Sul.

O tratamento eficaz da doença começou com a descoberta das sulfonas nas década de 1940. Estes e outros medicamentos afins tornaram possível controlar a lepra e restituir as suas vítimas às suas famílias e comunidades. A ênfase presente inside sobre a reabilitação das mãos e pés paralizados e dos rostos deformados pelo recurso á cirurgia.

Os Adventistas do Sétimo Dia estão fazendo trabalho notável em favor dos leprosos em Africa e na Nova Guiné. Nós devíamos estender esta obra a outros países e devíamos mover-nos fortemente para a área de reabilitação dos que têm sido inutilizados ou deformados por esta cruel doença.

T. R. Flaiz

Com os Crentes na Hungria

Tive recentemente o privilégio de passar uma semana na Hungria com B. J. Kohler, tesoureiro da Divisão. W. A. Wild, o secretário da Divisão, juntou-se-nos nos últimos dias da nossa visita àquele país. Assistimos a uma convenção de obreiros nas margens do belo Lago Balaton, onde temos uma casa de repouso. Ali estivemos reunidos durante dois dias com 50 dos nossos fieis obreiros. Também falámos aos nossos membros da igreja em Budapeste, bem como nalgumas das cidades das províncias.

O Pastor Wild e eu passámos o último Sábado com os nossos membros em Bekescsaba, cidade rural na secção sudoeste da Hungria perto da fronteira com a Roménia. Aqui temos um templo representativo, que encontrámos repleto de 700 pessoas. Sentimo-nos felizes por poder pregar a Palavra de Deus a este atento auditório e apreciar os cânticos apresentados pelo côro.

Depois de várias reuniões, visitámos a cidade, que tem um interesse especial para nós porque a nossa obra na Hungria ali começou há 60 anos. Numa pequena casa situada na periferia da cidade, o nosso obreiro pioneiro, J. F. Huenergardt, deu o seu primeiro estudo bíblico em 1900. Foi uma inspiração estar no próprio quarto onde este estudo foi dado e ver a própria mesa e cadeiras então usadas.

Um homem idoso que assistira àquele primeiro estudo estava ali. Mais tarde, ele e sua esposa aceitaram a mensagem. Vivem ainda na mesma pequena casa. Tivemos grande alegria em encontrar a sua família, que hoje inclui quatro gerações de adventistas.

Certamente o Senhor tem abençoado a Sua obra na Hungria, apesar das dificuldades e perseguições. Os nossos membros enviam as suas melhores saudações à família adventista de todo o Mundo. Queira o Senhor abençoar ricamente a nossa Obra neste belo país.

M. Fridlin

Coisa alguma tende mais a promover a saúde do corpo e da alma, do que um espírito de gratidão e louvor. É um positivo dever resistir à melancolia, às ideias e sentimentos de descontentamento — dever tão grande como é orar. Se nos destinamos ao Céu, como poderemos ir qual bando de lamentadores, gemendo e queixando-nos por todo o caminho da casa de nosso Pai? — *Ciência do Bom Viver*, pág. 216.

Levantai os vossos olhos e vede...

Continuação da pág. 5

um único momento de desânimo. Podemos ouvir-lhe através daquelas negras paredes da prisão de Roma, as brilhantes e encorajadoras palavras:

«Posso todas as coisas n'Aquele que me fortalece». (Fil. 4:13).

A qual dos tipos de obreiros serenos nós comparados por Jesus?

Àqueles que arranjaram mil desculpas para não sairem de seus aprazíveis lugares, ou a outros que através dos tempos têm feito suas as palavras de Paulo?

«E, na verdade, tenho também por perda todas as coisas, pela excelência do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, pelo qual sofri a perda de todas estas coisas, e as considero como esterco, para que possa ganhar a Cristo». (Fil. 3:8).

Estamos, como obreiros, dispostos a sofrer alguma coisa, por amor de Jesus?

No livro Obreiros Evangélicos, pág. 22 e 23 lemos:

«Há, na experiência dos apóstolos, lições que nos convém aprender. Esses homens eram como o aço em sua fidelidade ao princípio. Eram homens incapazes de faltar, ou de desanimar-se. Eram cheios de reverência e zelo para com Deus, de nobres desígnios e aspirações. Eram por natureza tão fracos e impotentes como qualquer dos que se acham agora empenhados na obra, mas punham no Senhor toda a sua confiança».

Em quem confiamos nós pois?

Em que coisas temos os nossos corações?

Quais são as nossas aspirações?

Paulo tinha por maior aspiração da sua vida, a salvação dos pecadores. O seu coração encontrava-se junto das almas necessitadas de Cristo. O Apostolo confiava sómente em Cristo, n'Aquele que lhe cegara os olhos do corpo, para lhe iluminar os olhos do espírito.

Jesus declarou:

«O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a Sua vida em resgate de muitos». (S. Mat. 20:28).

Prezados coobreiros; estais vós dispostos a servir não esperando ser servidos?

Estais prontos a abandonar todas as comodidades desta vida, e a deixar a vossa família e todos os lugares de delícias em que viveis, para irdes longe, a exemplo de muitos outros que nos antecederam?

Desejais sacrificar-vos por amor do Evangelho?

Escutai as solenes palavras de Nosso Senhor:

«Ninguém há que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher ou filhos, ou campos, por amor de mim e do Evangelho,

Que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições, e no século futuro a vida eterna». (S. Marc. 10:29-30).

Os dois irmãos

Continuação da pág. 9

Mas que respondem muitos? — «Obrigado, Senhor; é verdade que sou escravo, mas Satanás dá-me muitos prazeres: mulheres, vinho, divertimentos. Não quero ficar livre; sinto-me muito bem como estou.»

Jesus fica triste, mas nada mais pode fazer.

Que sucederá, porém, daqui a algum tempo? Chegará o fim de Satanás e todos os seus escravos serão exterminados com ele.

Aceitemos, pois, a liberdade que Cristo nos oferece.

O Poder do Evangelho

Numa aldeia, chamada Candondelo, vivia uma mulher conhecida como sendo feiticeira. Ela curava, consagrava, tinha ídolos e sabia toda a magia da superstição angolana.

Em 1961, os missionários resolveram fazer uma Campanha Evangelística na aldeia de Candondelo. A feiticeira ouviu a Palavra de Deus, gostou e decidiu entregar o seu coração a Jesus, abandonando todos os seus ídolos.

Quando a família soube da sua conversão, ficou zangada e disse: "Gandala, tu nos sustinhas com o produto do teu trabalho de feitiços. Agora que te converteste, onde terás dinheiro para ti e para nós?»

Mas Gandala, ouvindo aquelas palavras, disse apenas: «Jamais voltarei para trás; pois estive perdida, mas agora acho-me no caminho certo.»

Gandala sofreu a perseguição da sua própria família, mas ela permanece firme e fiel aos princípios da verdadeira fé.

Foi baptizada, e hoje é membro activo daquela aldeia de Candondelo.

Ricardo Ecupa

Notícias do Campo

Maria Leonilde Tavares

No dia 3 de Novembro, desembarcou no Lobito a Irmã Maria Leonilde Tavares, que vem trabalhar nos escritórios da Sede. Apresentamos-lhe cordiais boas vindas.

Nova Lisboa — Sociedade de Dorcas

«E havia em Jope uma discípula chamada Tabita que traduzido se diz Dorcas. Esta estava cheia de boas obras e esmolas que fazia» Actos 9:36.

Era assim nos tempos apostólicos e é assim nos nossos dias, pois «Em sua sábia providência, Deus pôs os pobres sempre ao nosso lado para que ao vermos todas as formas de sofrimento e miséria no mundo, fossemos provados, e colocados em situações de desenvolver caracteres cristãos». — Test. Selectos, Vol. 1, pág. 370.

A Sociedade Beneficente Dorcas de Nova Lisboa tem vindo há alguns anos esforçando-se por cumprir a nobre missão que lhe foi confiada, e graças à boa vontade das irmãs tem sido possível minorar as necessidades de muitos pobres e infelizes.

Consultando os relatórios que periódicamente têm sido fornecidos à Igreja, pode-se constatar que a obra tem aumentado consideràvelmente.

Este ano de 1963 pode dizer-se que tem sido um ano ricamente abençoado.

No dia 3 de Novembro foi levada a efeito uma exposição de interessantes trabalhos de de costura, bordados e pintura, confeccionados pelas mãos das nossas consagradas irmãs, que rendeu uma razoável importância. A exposição foi visitada por muitas pessoas da cidade.

A Sociedade tem planos para ajudar os pobres, de uma maneira especial, na quadra do Natal que se aproxima.

Queira Deus ajudar este trabalho e todos aqueles que contribuem com o seu tempo ou meios.

Violeta Rodrigues

Obras à venda na Casa Publicadora Angolana

De E. G. White

A Ciência do Bom Viver (C)	120$00
Conflito dos Séculos (C)	120$00
Conselhos aos Professores (I)	70$00
Colportor Evangelista (I)	30$00
Conselhos da Escola Sabatina	13$50
O Desejado de Todas as Nações (edição portuguesa) (C)	130$00
O Desejado de Todas as Nações (edição brasileira) (C)	200$00
Degraus de Vida Cristã (C)	15$00
Degraus de Vida Cristã (Português e Umbundo) (C)	20$00
Educação (I)	40$00
Evangelismo (I)	65$00
O Lar Adventista (I)	60$00
O Maior Discurso de Cristo (C)	35$00
Mensagens aos Jovens (C)	70$00
Obreiros Evangelicos (I)	65$00
Orientação da Criança (I)	60$00
Parábolas de Jesus (C)	80$00
Patriarcas e Profetas (I)	80$00
Profetas e Reis (I)	80$00
Serviço Cristão (I)	40$00
Testemunhos Selectos Vol. 1 (I)	42$50
« « Vol. 2 (I	42$50
« « Vol. 3 (I)	42$50
Vida de Jesus (C)	110$00

Outras obras

Amor, noivado e casamento (I)	2$50
Album de Animais N.os 1, 2 e 3. Cada	5$00
Chave da Felicidade (C)	70$00
Contos Vespertinos Vol. I (C)	37$50
« « Vol. II (C)	37$50
Crianças e Animais (C)	40$00
Felicidade Conjugal (C)	150$00
Irmã White (I)	65$00
A Moça e os Seus Problemas (C)	125$00
O Moço e os Seus Problemas (C)	125$00
Nutrição e Vigor (C)	170$00
O Fumo e o Câncer do Pulmão (C)	7$50
Saúde do Corpo (C)	35$00
Segredos de um lar feliz (C)	37$50
Serões de Tio Silas (C)	95$00
Tomás Edison	15$00
Uma Verdade Desconhecida	12$00
Colunas do Carácter (C)	100$00
Crianças e Animais (C)	40$00

Os membros de Igreja beneficiam dos descontos habituais.